

Trajatórias adolescentes e o teatro na formação de sujeitas e sujeitos periféricos ou Um mar grande demais pra navegar com pressa¹

Lígia Helena de Almeida²

Resumo

A pesquisa é um debruçar-se poético sobre a experiência artístico pedagógica em teatro vivida na periferia de Santo André em programa público municipal de descentralização da Cultura por dez adolescentes no período de três anos (2017 a 2019) orientados pela própria pesquisadora na função de arte-educadora. Investiga as interlocuções entre a criação artística e o letramento político destes adolescentes a partir do reconhecimento individual e coletivo das identidades de gênero, raça, classe, geração e territórios, ou seja, do reconhecimento de si como *sujeitos e sujeitas periféricos* (D'ANDREA). Buscando uma escrita/memória que dialogue, em primeiro lugar, com os próprios sujeitos da pesquisa, por meio de entrevistas abertas e semi-abertas, com os dez jovens e um de seus responsáveis (preferencialmente, as mães), buscando retomar as memórias com o corpo/palavra criado por eles e elas ao longo dos três anos e com as subjetividades da relação entre professora/pesquisadora, alunos, família, escola e comunidade. Pela Investigação Baseada nas Artes a pesquisa busca uma escrita que converse com autoras negras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus num desejo de escrever com palavras que possam refletir os espelhos nos quais se miram estes jovens: quais as epistemologias da adolescência periférica? Qual a poética da experiência artístico pedagógica que os permitiu criar, como propõe Silvia Rivera Cusicanqui, uma comunidade por afinidade e não por imposição? Pela Autoetnografia uma pesquisa narrada em primeira pessoa: a professora, que também já foi aluna, adolescente, que acredita ter tido letramento político não no ensino regular, mas no teatro. A pesquisa é sobre entender-se a partir do *outro*, construindo-se para e com o *outro*, por meio da poética e da estética teatrais, para então tornar-se *O outro de si*.

Palavras-chave

adolescências; teatro; periferias; narrativas poéticas; auto etnografia.

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo.

² Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Mestranda pelo Programa Mudança Social e Participação Política. Orientação: Profa. Dra. Marília Velardi. (e-mail: ligiahelena@usp.br)

Introdução

Como educadora, desejei trazer para a Universidade uma experiência artístico-pedagógica em teatro vivida no CEU das Artes Jardim Marek, em Santo André, por meio de uma política pública da Secretaria Municipal de Cultura, o Territórios de Cultura, no período de 2017 a 2019.

O desejo de contar esta história surgiu da percepção de que esse processo tinha abarcado alguns aspectos do processo de aprendizagem que iam além da linguagem teatral, havíamos vivido um processo de vínculo e criação artística que - pela interação entre educadora, educandos e educandas - promoveu alterações nos nossos modos de ser, nas identidades, em nossa ação política. Este texto versa sobre o processo de pesquisa até aqui, considerando o encontro desta educadora com a própria universidade no Programa de Mudança Social e Participação Política, as disciplinas cursadas, a compreensão dos processos de aprendizagem e construção de conceitos em torno da vida comum sob o ponto de vista histórico-social. A percepção de que minha ação pedagógica se construiu em diálogo com pensadores e pensadoras da pedagogia, dos processos de ensino, por mais que eu não tenha sido apresentada a eles diretamente, e sim à prática deles por meio da própria experiência de aprendizado da linguagem.

Caminho para uma escrita acadêmica depois de compreender que os processos que alteram os nossos modos de ver e ser estão de mãos dadas com valores e com uma pedagogia do afeto, da escuta, e por quê não dizer? Do amor. Esta escrita é um processo, abre pistas para a construção de uma Investigação Baseada nas Artes (DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvona, 2006; VELARDI, Marília, 2018) que teve início na pergunta “Pode um mestrado ser um conto fantástico?”.

A escrita poética como suporte para acessar a subjetividade das experiências em uma pesquisa sobre afeto como método e sobre a formação do humano na adolescência em contextos periféricos por meio de políticas públicas para a cultura.

Uma imagem



Descrição da imagem a partir do que vêem os olhos: Pessoas debruçadas sobre um corrimão/gradeado cinza de metal esticando as cabeças para baixo, no horizonte e a frente, cascatas, árvores, uma vastidão de natureza. Não é possível ver os olhos dos que olham, mas os corpos anunciam um desejo de ver algo desconhecido, estão curiosos, buscam ver o máximo que a vista permite. Pela proximidade dos corpos estas pessoas parecem ter alguma relação. Há uma criança e jovens. São pessoas pretas e pessoas brancas. Pelas roupas e pelo tom da fotografia e da cor do céu, parece fazer frio.

Descrição da imagem a partir de quem sou eu na imagem: Eu sou a mulher de vermelho, estão comigo meu filho (na época com 06 anos), dois amigos arte-educadores e sua filha, e nove jovens entre 14 e 21 anos (nem todos aparecem na imagem), alunos em uma oficina de teatro pública de um Programa de descentralização cultural da cidade de Santo André. Estamos nas Cataratas de Foz do Iguaçu, numa parada de um dia de uma viagem de ônibus que seguirá a caminho de Buenos Aires para participação do grupo em um Festival de Teatro Adolescente. Nenhum deles, nem meu filho, haviam estado neste lugar, nunca haviam atravessado a fronteira do Brasil. O dinheiro da viagem, que também está pagando o passeio pelas Cataratas, foi conquistado depois de algumas festas, bingos, vaquinhas, e, principalmente, de minha articulação política por um apoio por parte da Prefeitura. Tenho

receio de que o dinheiro não dê, não sei como será nossa passagem pela fronteira (autorizações, documentos, menores), mas estou feliz em ver que estão vivendo o que estão vivendo.

Descrição da imagem como quem olha o passado e vê nela o futuro, como na frase “Exú matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje.”³: Daqui vejo na imagem os rios que correm pelas cachoeiras, corremos. Rios de Oxum, Oxumarê. Axé. Eu rio. Eles riem. Eles rios. Corredeiras incontroláveis. Fluem. Ali, na imagem, miramos cada um as cataratas a partir de nós, nossas trajetórias, nossos ancestrais, cada gota de água que cai dessa imensidão de rio, rios, cai de um jeito diferente pra cada um de nós que mira, vemos o mesmo rio, a mesma catarata, mas sentimos diferente. Ali, na imagem, estamos juntos, chegamos ali juntos, de mãos dadas pela experiência de uma obra canto que evoca Oroborus pra botar pergunta no mundo sobre quem somos. Quem somos? Ali, na imagem, miramos a queda d’água e, em seu fluxo, a água convida a cada um, a cada uma para um novo braço de rio, outros futuros que ali, na imagem, não sabemos quais, e talvez não saibamos ainda, porque ainda em navegação.

Teatro, afeto e adolescências periféricas

Aprendi com o teatro que o processo é tão ou mais importante que o resultado. Aprendi a entregar-me ao desconhecido, à intuição, ao jogo: sonhamos o sonho de uma obra teatral a partir de perguntas, de textos, de imagens, na sala de ensaio eu te encontro e o que era meu sonho se encontra com o seu, não gera um terceiro, mas todo um emaranhado colorido da minha existência entrelaçada com a tua. Impossível começar sabendo onde vamos chegar. Fluxo de rio.

É assim que eu aprendi a criar, aprendendo a transformar em palavra, imagem, gesto, o que sonhei, aprendendo a escutar o sonho do outro. Aqui meu compartilhamento é contigo, que me lê. Espero que você possa também me ver, de olhos fechados e caminhar comigo, eu educadora e pesquisadora, pesquisadora e educadora, ou, sob o olhar de Audre Lorde: a pesquisadora como educadora, a humana como pesquisadora, a educadora como humana. Na busca por narrar uma experiência artístico pedagógica considerando, em especial, o desejo de tornar visível a perspectiva do afeto como método para além do processo de aprendizagem da linguagem teatral, exponho a mim como educadora, às imagens e

³ Ditado Iorubá.

memórias que construí ao lado deles e delas numa jornada de aprendizagem que também me trans(forma). Me pergunto, qual o caminho para uma escrita que explicita o sensível no processo de formação do humano?

Penso que é preciso identificar um sentido para a pesquisa que seja capaz de ser mar, transbordando os limites da linguagem. Qual a linguagem que dança com o que se pretende narrar aqui? Ou melhor, a dança já existe: do alto se avistam as curvas, retas, os vazios e os rabiscos deixados no chão do território que habitou o que se viveu em um passado próximo. A dança não foi solitária, não foi só minha. É o dançar de adolescentes periféricos, pretos e brancos, com pais presentes, pais ausentes, ou sem pai algum, mas sempre com mãe. Dos que gostam de funk, samba, pop, RAP, MPB. Dos que dançam afro e passinho, das que fazem o quadrado. Das que escrevem poesia, música e romance. Da que toca sax, do que toca violão, gaita e tambor. Esta dança não é só minha, mas também é minha - a educadora como pesquisadora, a pesquisadora como educadora.

A música que faz a educadora dançar nasce da escuta em roda das histórias deles e delas. bell hooks no capítulo “Eros, erotismo e o processo pedagógico”, da obra “Ensinando a transgredir” (2017), fala sobre a manifestação de amor em sala de aula e para isso nos conta sobre a história de um aluno que dizia amar suas aulas porque “foram uma dança e ele adora dançar” (hooks, 2017, p. 260). Eu, como educadora, busco com que a experiência da sala de aula seja a de que cada um, cada uma, encontre a sua dança, perceba o que há em si, com seus corpos, suas histórias, suas identidades, que possa virar movimento, narrativa: teatro. “Chamar atenção para o corpo é traír o legado de repressão e negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam, em geral brancos e do sexo masculino.” (hooks, 2017, p.253)

Se esta é a busca como educadora, gostaria que também fosse como pesquisadora. Construir uma linguagem que possa retratar os aspectos afetivos de uma trajetória artístico pedagógica a partir das subjetividades individuais e comuns daqueles que a experienciaram. Encontrar uma poética que referencie e reverencie estas pessoas e este chão em que vivem, uma escrita “que se tece por meio da paixão, da respiração, daquilo que compartilhamos em coletivo, comprometida com a vida, porque se reconhece como parte dela.” (CUSICANQUI, 2015)

Uma Memória

Galpão de Artes Cênicas da Universidade Nacional de Artes (UNA), Buenos Aires, Argentina - 11 de outubro de 2019.

“Diante dos teus olhos estende a tua mão direita, imagina que ela é um espelho, te olha, te olha e dança para o que você vê - este é teu tamanho, esta é tua beleza, você não é menor, você é gigante, você merece estar aqui, Oxum abençoa tua presença aqui, você é lindo, você é linda, e você é gigante, você merece estar aqui, você tem muitas coisas para dizer e você merece dizer.”

Eles e elas irão apresentar “Oroborus - Cidade dos Homens, Cidade dos Ratos” em alguns minutos para o público do VQV Mundial Buenos Aires. Eles e elas, nove eles e elas, estão dançando as danças dos Orixás e depois de cortar o ar com as lâminas de Ogum e as flechas de Oxóssi, de encarnar as tempestades e os ventos de Iansã, de bailar com o mar de Iemanjá, eles e elas dançam diante do espelho de Oxum e, como bons filhos de Oxum, choram. Eu choro.

A peça começa, o público está em roda, eu assisto de um canto a peça que já vi tantas e tantas vezes. Não é a mesma - sim, teatro nunca é o mesmo, mesmo que o seja - mas não é a mesma porque eles e elas não são os mesmos, cada um e cada uma ganhou alguns centímetros - não é metáfora, eles estão mais altos, a cervical está estendida, a coluna ereta, a voz está mais firme, eles cantam, Tainara, a que nunca cantava, toma a frente em uma canção e sola. Eu choro.

Quando a peça termina - a peça terminou? Rito tem fim? - o público canta alto um ponto de jongo: “Quem foi que disse, quem lhe falou, que no quilombo não havia jongueiro?”. As palmas do ponto soam, o público se encaixa na gira, de cima da arquibancada eu vejo um movimento em coro de mais de cento e cinquenta pessoas no passo do pé direito da dança, eles e elas levantam o punho esquerdo em sinal de luta. Todos e todas e todes vibram. Eu? Eu choro.

Memória e ficção

Penso que, por vezes, a ficção é um caminho para acessarmos narrativas da experiência que a própria experiência como situação não possa alcançar. Pode uma pesquisa acadêmica conter ficção?

Na área da educação conheci a pesquisa literária do professor e doutor em educação Luciano Bedin da Costa que, unido a outros parceiros e parceiras, organiza e escreve obras de contos ficcionais no campo da educação. Em “A hora do pesadelo: paixões distópicas em educação” (2018) e em “Partituras do Silêncio: Poéticas do Movente” (2017), professores do ensino regular, professores de artes, docentes universitários, fazem escolhas poético

literárias para debater os processos educacionais e o cotidiano na sala de aula. Diálogos que nunca aconteceram - mas sempre acontecem - contos de horror, cartas, poesias, as formas literárias e, em especial, a liberdade por alguma ficção entrelaçada ao real nos permitem ir além da teoria e, assim, acessarmos os sentimentos das pessoas que vivenciam a comunidade escolar.

Narrar, portanto, é uma empreitada localizada, situada e não necessariamente particular. Dizer que narrar é uma empreitada localizada significa indicar que a escrita está imersa em conexões, em emaranhados de relações semiótico-materiais que nos permitem ver de algum lugar, pensar a partir de alguma posição. Colocar em cena tais conexões não é, necessariamente, engajar-se numa escrita particular no sentido de alguma coisa que se fecha entre muros ou que se desenha como um desabafo confessional. Dizer que uma escrita é localizada é afirmar que ela é altamente capilarizada, altamente conectada e emaranhada com feixes de relações que articulam humanos e não humanos. (MORAES, 2021)

A escrita, como *escrevivência* (EVARISTO, 2020), de um ponto de vista pessoal, no caso da educação, a dos professores, viventes da sala de aula, ou dos alunos, para evidenciar algo maior, estrutural, social, portanto coletivo. Na ficção pode-se trazer outros pontos de vista que permitam esse evidenciar do que nem sempre se vê do alto do olhar da academia. O educador e escritor Rodrigo Ciríaco, por exemplo, em sua obra “Te pego lá fora” (2014), transforma em narrador de um dos contos um rato que vive nos canos da escola. O rato observa o momento do conselho de classe e a escolha pela suspensão de um aluno por lançar a carteira na direção do professor - esta testemunha ocular não só evidencia a precariedade estrutural do prédio escolar, como também permite a denúncia da agressão que nem sempre se vê ou se verbaliza: a do professor para com o aluno, motivo de a carteira ter ganhado asas. No mesmo livro, Ciríaco também fala de afeto e do sentimento de fracasso do professor ao se colocar em primeira pessoa na narrativa da despedida de uma aluna que se descobriu grávida e não irá mais frequentar a escola.

Ainda sobre as possibilidades que a ficção nos apresenta e dos possíveis diálogos desta pesquisa, há a narrativa na voz de uma adolescente de 11 anos em “Se deus me chamar não vou” (2019), de Mariana Salomão Carrara. Maria Carmem é a autora ficcional que fala a partir de sua idade e nos toca em nossas próprias adolescências. Não seria o livro que é, não nos falaria das adolescências, se a voz da narrativa fosse, por exemplo, da mãe da personagem ou da própria autora real do livro, Carrara.

No ano de 2021 tive a oportunidade de, ao lado de outras três mulheres, mães e arte-educadoras, publicar um livro de contos fantásticos sobre adolescências chamado

“Pupa” (2021). Dos contos escritos da observação participante dos processos de *adolescência* de alunos e alunas pude escrever não sobre a pedagogia do teatro, mas do que se testemunha a partir dela. Pude desenvolver uma escrita endereçada a eles, elas, elus, afetuosa, e desejosa de grifar as potências individuais e coletivas em disputa com o discurso hegemônico que tende a diminuí-los como estudantes de escolas públicas periféricas. “Pupa” é a escrita que intersecciona a escritora/atriz/criadora com a educadora. Esta pesquisa quer seguir esta linha em espiral e incluir a pesquisadora nesta escrita.

Uma pedagogia do afeto

“O modo como você sente, o modo como você vive, o modo como você compartilha seus sentimentos, é assim que você ensina.” (Audre Lorde, 2020, p. 105)

Talvez esta pesquisa queira afirmar a importância do afeto nas relações de aprendizado. Do chão de onde falo: do aprendizado em teatro. Como arte-educadora, há um tempo desejei encontrar uma palavra que pudesse dizer do meu fazer artístico pedagógico e que removesse dele os ideais de ensino do teatro - os cânones das artes cênicas, as ideias feitas daquilo que se precisa aprender. Também um certo cansaço de reconhecer arte-educadores que preterem a educação à arte, se consideram artistas, não educadores - ensinam porque sabem a priori. Não que eles não devam fazer parte, co-existir no processo, mas penso que primeiro é preciso a escuta, a curiosidade e o respeito pela trajetória dos educandos e educandas.

Que ninguém se engane, esta pesquisa não busca por métodos do ensino das artes cênicas em projetos de descentralização em artes. Talvez por isso a interdisciplinaridade do Programa de Mudança Social e Participação Política tenha se mostrado como casa. Abro a roda, coloco no centro os meus saberes (também os de teatro), os deles, os delas: da colcha de retalhos que iremos costurar só poderemos ver ao final do processo as suas cores, os tecidos maiores e os menores, as tessituras. O fracasso também é uma possibilidade, nesta *pedagogia do afeto* ele também nos ensina.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Helena. GUILHERME, Denise. NAVARRO, Michele. SOUSA, Adriana. **Pupa - contos fantásticos e outras narrativas sobre adolescências**. Santo André, SP: Ed. das Autoras, 2021.

CARRARA, Mariana Salomão. **Se deus me chamar não vou**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

CIRÍACO, Rodrigo. **Te pego lá fora**. São Paulo: Editora DSOP, 2014.

COSTA, Luciano Bedin (org.). MARQUES, Diego Souza (org.). **A hora do pesadelo: paixões distópicas em educação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

COSTA, Luciano Bedin (org.). PACHECO, Eduardo Guedes (org.). **Partituras do Silêncio: poéticas do movente**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A Formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: Cultura e Política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrivivência: A escrita de nós**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. Texto apresentado pela primeira vez, 1995, durante o VI- Seminário Mulher e Literatura, organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/10/DA-GRAFIA-DESENHO-D E-MINHA-M%C3%83E-UM-DOS-LUGARES-DE-NASCIMENTO-DE-MINHA-ESCRIT A-%E2%80%93-Revista-Z-Cultural.pdf> - visitado em 15/02/2023)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

_____. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

LISPECTOR, Clarice, **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LORDE, Audre. **Sou sua irmã**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MORAES, Marcia. **Escrita e formação: entre os cadernos de anotar a vida e os cadernos de pesquisa, in A escrita como exercício em processos formativos. Prefácio**. Organizado por Adriana Marcondes Machado, Sílvia Galessio Cardoso. – São Paulo : Blucher, 2021.

RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Editora Letramento, 2017.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Sociología de la Imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

_____. **Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

_____. **Sobre la comunidad de afinidad y otras reflexiones para hacernos y pensarnos en un mundo otro.** Entrevista concedida a Huáscar Salazar Lohman. **El Apantle.** Puebla-México. Número 01. (pag. 141-165) Outubro de 2015.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

VELARDI, Marília. **Questionamentos e propostas sobre corpos de emergência: Reflexões sobre investigação artística radicalmente qualitativa.** Revista Moringa – Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v.9, n.1, jan/jun 2018, p. 43 a 54. Disponível em < <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/moringa/article/view/40646> >. Acessado em 20/10/2020.